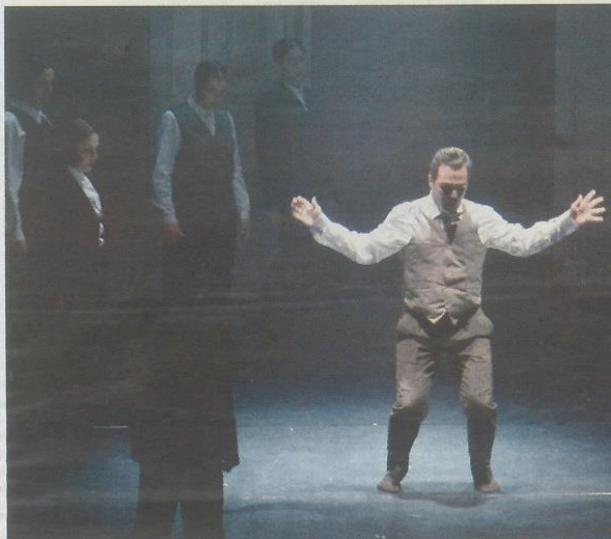


A fazer

INVESTIGAÇÃO

Saramago e Pessoa com arte



Hugo Sumares aqui no papel de Ricardo Reis. Ao lado, com Jiliana Andrade no de 'Fernando Pessoa'. FOTOS RUI SILVA/ASPRESS

PAULA HENRIQUES
phenriques@dnoticias.pt

Hélder Sumares regressou a casa para dar vida a 'Ricardo Reis' e fá-lo a um ritmo alucinante durante cerca de uma hora, praticamente toda passada em palco. O bailarino madeirense tem o papel principal no espectáculo 'O ano da morte de Ricardo Reis', estreado ontem no Teatro Municipal Baltazar Dias. A primeira sessão foi ontem durante a tarde para escolas. Estava prevista uma segunda para o público em geral à noite. Hoje há novo espectáculo às 21 horas e outro amanhã, às 18h.

Pegar em Saramago é por si só um desafio e pegar neste autor quando aborda Fernando Pessoa e Ricardo Reis, heterónimo do poeta, é um desafio acrescido que Carolina Caldeira assumiu ao escrever o libreto para a mais recente produção Direcção de Serviços de Educação Artística e Multimédia (DSEAM). O espectáculo multidisciplinar é uma produção da Câmara Municipal do Funchal integrada na comemoração dos seus 130 anos da sala de espectáculos e revela um compromisso de cerca de 60 pessoas de várias áreas, entre elas do bailarino do Jardim do Mar, que reside em Lisboa.

Ricardo Reis é um heterónimo de Fernando Pessoa, mas aqui no

contexto do livro de José Saramago, portanto com características dos dois mundos dos dois autores. É uma personagem que não sabe que o seu tempo está a acabar. "Como é um heterónimo de Pessoa, não tem corpo, basicamente é uma alma que não sabe que já morreu e está à procura de saber o que se passou", começa por explicar o protagonista. "A certa altura existe uma fase de mudança, de se ultrapassar, quando era uma pessoa tinha vários problemas que não os exteriorizava, começa a ultrapassá-los, começa a transformar-se na pessoa que verdadeiramente queria ser, mas já era tarde, já estava morto", revela Hélder Sumares.

'O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS' É UMA ADAPTAÇÃO DA OBRA DO NOBÉL, HOJE E AMANHÃ EM CENA

Desempenhar este papel "é muito exigente", mas é bom. "É bom porque a adrenalina é tão grande e não há outra possibilidade do que se ser, viver no momento".

O pouco texto do espectáculo deixa muito espaço à imaginação. A folha de sala ajuda a contextualizar à luz da obra que lhe deu origem. Casey-lee Binns é 'Lídia' e Maria Chantal Pereira 'Mercenda', com Hélder formam o trio de bailarinos profissionais convidados.

Os desafios principais foram desmistificar Saramago e desfragmentar a obra, salientar o importante e enaltecer o que é incontornável, explicou Carolina Caldeira. "Depois houve o desafio de tentar descrever persona-

gens que são quase não humanas, porque não sentem e não estão bem presentes. Ainda hoje estamos a discutir se ele está vivo ou morto, porque ele é um homem que não sente e permeia as coisas mas não deixa que as coisas o permeiem".

A autora do libreto acredita que quem conhece a obra de Saramago, vai reconhecer os momentos fulcrais. Quem não conhece vai ficar com uma ideia e profunda e com curiosidade, espera.

Márcio Faria é o criador da música, são 55 minutos banda sonora original, tonal, moderna e descritiva, baseada nas cenas do livro, sons fundamentais para contar esta história, feita sobretudo das notas musicais e do movimento.

"Não vamos dizer que vamos explicar ou simplificar, vamos dar outra abordagem, para tornar mais curioso ou interessante, para os alunos terem mais prazer em lê-lo ou complementar o que leram", diz Juliana Andrade, a directora artística, falando sobre a adaptação da obra. Juliana é professora de música, embora tenha uma ligação muito estreita à dança. "Esta simbiose das artes todas é uma coisa natural para nós". A DSEAM tem apostado nestes formatos. Este em particular começou a ser pensado em Setembro.

Para Diana Pita, que teve a encenação e a direcção de actores, foi fundamental perceber o universo da obra de forma a melhor passá-la para o palco, para que as pessoas "vejam e percebam a obra de outra forma, de uma forma um bocadinho mais artística". "Aqui utilizando referências musicais, bailarinos, autores, nós conseguimos fazer um espectáculo que do meu ponto de vista é rico e vai ao encontro de tudo aquilo que é falado na obra".

Os bilhetes podem ser comprados no Baltazar Dias, custam 7 euros.



EXTERMINIO
ADEUS FORMIGAS!

291 930 500
www.exterminio.pt